



*Moacyr Scliar*  
**MAX E  
OS FELINOS**

## Coleção L&PM Pocket, vol. 234

Este livro foi publicado pela L&PM Editores, em formato 14x21, em 1981.

Primeira edição na Coleção **L&PM** POCKET: junho de 2001 Esta reimpressão: março de 2009

**Capa:** Ivan Pinheiro Machado sobre ilustração de Edgar Vasques **Revisão:** Renato Deitos e Ruiz Faillace **Produção:** L&PM Editores

ISBN 978-85-254-1048-1

S4l9m Scliar, Moacyr 1937-

Max e os felinos / Moacyr Scliar. Porto Alegre: L&PM, 2009.

128 p. ; 18 cm - /Coleção L&PM Pocket)

1. Novelas brasileiras. I. Título. II. Série.

(:DD S69..932 CDU 869.0(81)-32

Catálogo elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329

© Moacyr Scliar, 2001

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores Rua Comendador Coruja 314, loja 9 - Floresta - 90.220-180 Porto Alegre - RS - Brasil / Fone: 51.3225.5777 - Fax: 51.3221 -5380

**PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL:** [vendas@lpm.com.br](mailto:vendas@lpm.com.br) **FALE CONOSCO:** [info@lpm.com.br](mailto:info@lpm.com.br) [www.lpm.com.br](http://www.lpm.com.br)

Impresso no Brasil

Verão de 2009

# SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO - Moacyr Scliar I 11**

**DE TRÂNSITOS E DE SOBREVIVÊNCIAS - Zilá Bernd I 23**

**MAX E OS FELINOS / 39**

O tigre sobre o armário / 41 O  
jaguar no escaler / 65 A onça no  
morro / 95

**SOBRE O AUTOR / 122**

**Medo, eu? O tigre não tem medo de  
ninguém... O tigre invisível. A minha alma.**

*Francisco Macias Ngueme* Ditador deposto  
da Guiné Equatorial

## INTRODUÇÃO

*Moacyr Scliar*

O Destino ainda bate à porta, claro, mas nesta época de comunicações instantâneas prefere o telefone. Na tarde de 30 de outubro de 2002, voltando para casa cansado de uma viagem, recebi uma ligação. Era uma jornalista do jornal *O Globo*, dando-me uma notícia que, a princípio, não entendi bem: parece que um escritor tinha ganho, na Europa, um prêmio importante com um livro baseado em um texto meu.

Minha primeira reação foi de estranheza: um escritor, e do chamado Primeiro Mundo, copiando um autor brasileiro? Copiando a mim? Ela se ofereceu para me dar mais detalhes, o que foi feito em telefonemas seguintes, e assim aos poucos fui mergulhando no que se revelaria, nos dias seguintes, um verdadeiro torvelinho, uma experiência pela qual eu nunca havia passado.

Sim, um escritor canadense chamado Yann Martel havia recebido, na Inglaterra, o prestigioso prêmio Booker, no valor de 55 mil libras esterlinas, conferido anualmente a autores do Commonwealth britânico ou da República da Irlanda (entre outros: Ian McEwan, Michael Ondaatje, Kingsley Amis, J.M.Coetzee, Salman Rushdie, íris

Murdoch). Sim, ele dizia que havia se baseado em um livro meu, *Max e os felinos*, publicado no Brasil em 1981, pela L&PM (Porto Alegre), e traduzido poucos anos depois nos Estados Unidos como *Max and the Cats* (New York, Ballantine Books, 1990) e na França como *Max et les Chats* (Paris, Presses de la Renaissance, 1991). E uma pequena novela que escrevi com grande prazer - lembro-me de um fim de semana na serra gaúcha em que matraqueava animado a máquina de escrever, em todos os minutos em que não estava cuidando de meu filho, ainda pequeno.

Minha primeira reação não foi de contrariedade. Ao contrário, de alguma forma senti-me envaidecido por ter alguém se entusiasmado pela idéia tanto quanto eu próprio me entusiasmara. Mas havia, na notícia, um componente desagradável e estranho, tão estranho quanto desagradável. Yann Martel não tinha, segundo suas declarações, lido a novela. Tomara conhecimento dela através de uma resenha do escritor John Updike para o *New York Times*, resenha desfavorável, segundo ele.

Esta afirmativa me perturbou. *Max and the Cats* não chegou a ser um *best-seller*, mas os artigos sobre o livro, que me haviam sido enviados pela editora, eram favoráveis — inclusive o do *New York Times*, assinado por Herbert Mitgang. Teria Updike escrito uma outra resenha - para o mesmo jornal? Se era esse o caso, por que eu não a recebera? Será que os editores só mandavam resenhas favoráveis?

A afirmativa seguia-se um comentário de Martel. Uma pena, dizia ele, que uma idéia boa tivesse sido estragada por um escritor menor. Mas, em seguida, levantava outra hipótese: e se eu não fosse um escritor menor? E se Updike

tivesse se enganado? De qualquer maneira a idéia principal do livro serviu-lhe de ponto de partida para sua obra *The Life of Pi*. E qual é essa idéia?

O Max Schmidt de meu livro é um jovem alemão que está fugindo do nazismo e que embarca para o Brasil. O navio em que viaja, um velho cargueiro, transporta também animais de um zoológico. Há um naufrágio, criminoso, mas Max salva-se em um escaler. E de repente sobe a bordo um sobrevivente inesperado e ameaçador: um jaguar. Começa então a segunda parte da novela, que tem como título *O jaguar no escaler*.

Esta, a idéia que motivou Martel. O seu personagem, Piscine Molitor Patel, Pi, é um menino hindu cujo pai é dono de um zoológico. A família emigra para o Canadá, levando os animais a bordo. Há, na segunda parte do livro, um naufrágio (que depois será considerado criminoso). Pi salva-se. No mesmo barco estão um tigre de Bengala, um orangotango e uma zebra. O tigre liquida os três e Pi fica à deriva com o felino por mais de duzentos dias.

O texto de Martel é diferente do texto de *Max e os felinos*. Mas o *leitmotiv* é, sim, o mesmo. E aí surge o embaraçoso termo: plágio.

Embaraçoso não para mim, devo dizer logo. Na verdade, e como disse antes, o fato de Martel ter usado a idéia não chegava a me incomodar. Incomodava-me a suposta resenha e também a maneira pela qual tomei conhecimento do livro. De fato, não fosse o prêmio, eu talvez nem ficasse sabendo da existência da obra. No lugar de Martel eu procuraria avisar o autor. Aliás, foi o que fiz, em outra circunstância. Meu livro *A mulher que escreveu a*

*Bíblia* teve como ponto de partida uma hipótese levantada pelo famoso *scholar* norte-americano Harold Bloom segundo a qual uma parte do Antigo Testamento poderia ter sido escrita por uma mulher, à época do rei Salomão. Tratava-se, contudo, de um trabalho teórico. Mesmo assim, coloquei o trecho de Bloom como epígrafe do livro - que enviei a ele (nunca respondeu - nem sei se recebeu -, mas eu cumpri minha obrigação). Martel agiu de maneira diferente. No prefácio, em que agradece a muitas pessoas, atribui a "fagulha da vida" ("*the spark of life*") que o motivou a mim. Mas não entra em detalhes, não fala em *Max e os felinos*.

Nada se cria, tudo se copia, é um dito freqüente nos meios acadêmicos. Escrevendo a respeito do incidente (prefiro este termo), Luis Fernando Veríssimo observou que Shakespeare baseou numerosas obras em trabalhos de contemporâneos menores. Em realidade, não há escritor que não seja influenciado por outros - Bloom, a propósito, fala da "angústia da influência". Quando comecei a rabiscar meus primeiros textos, copiava descaradamente. Em redações escolares, transcrevi várias frases do *Cazuza*, de Viriato Corrêa, um livro que foi lido por várias gerações de crianças brasileiras. Mas isto, no começo. É um sinal de maturidade procurarmos andar com nossas próprias pernas. E também é um sinal de maturidade reconhecer, de forma explícita, a utilização do material de outros. Em trabalhos científicos isto é feito mediante citação bibliográfica. A transcrição também não pode ser extensa.

Essas coisas são levadas cada vez mais a sério, apesar de a noção de propriedade intelectual ser relativamente nova



na história da humanidade. Tomemos, por exemplo, os trabalhos de Hipócrates, considerado o pai da medicina, e que viveu no século V a.C. É difícil saber o que é realmente obra dele e o que foi escrito por seus discípulos. O nome Hipócrates era uma grife, uma gratuita *franchising*. Era livremente usado porque à época não havia direitos autorais. Em matéria de texto, isso surgiu com a indústria editorial, portanto em plena modernidade. Shakespeare ainda vivia uma fase de transição.

Uma idéia é uma propriedade intelectual. Isto não significa que não possa ser partilhada. Pode, sim, e freqüentemente o é. Um editor propõe um mesmo tema para vários autores e faz uma antologia com os trabalhos: nada demais nisso. Um autor não está prejudicando o outro. É diferente da situação de um produto qualquer que é copiado, o que implica prejuízo para o produtor original - a pirataria. Usar a mesma idéia literária não chega a ser pirataria.

Depois de muito debate sobre o assunto o livro de Martel finalmente chegou-me às mãos. Li-o sem rancor; ao contrário, achei o texto bem escrito e original.

Ali estava a minha idéia, mas era com curiosidade que eu seguia a história; queria ver que rumo tomaria sua narrativa - boa narrativa, aliás, dotada de humor e imaginação. Ficou claro que nossas visões da idéia eram completamente diferentes. As associações que eu fiz são diferentes das que Martel faz.

Um naufrago num escaler diante de um jaguar - o que significaria aquilo para mim? Por que teria me ocorrido aquela imagem? É uma pergunta que pode se aplicar a

qualquer obra de ficção (e a qualquer sonho, qualquer fantasia). E que admite dois tipos de resposta, em níveis diferentes. Um, mais profundo, e por conseguinte mais misterioso, diz que tais coisas se originam no inconsciente; são fantasias ligadas a traumas, cuja elaboração pode demandar muitas horas-divã. O outro tipo de explicação é aquele que ocorre ao próprio autor. Para mim o jaguar era a imagem de um poder absoluto e irracional. Como foi o poder do nazismo, por exemplo. Ou, numa escala bem menor, o poder da ditadura militar que se instalou no Brasil em 1964. Martel dá uma conotação diferente - religiosa - à imagem. E isto, presumo, deve ter reforçado nele a convicção de que não estava copiando, mas sim usando a idéia como ponto de partida.

\*\*\*

Seja como for a história, teve desdobramentos surpreendentes. Nos dias que se seguiram, comecei a receber cartas, e-mails, telefonemas — e, sobretudo, pedidos de entrevistas de vários órgãos da imprensa.

Não sou um autor desconhecido, mas certamente nenhum dos meus livros teve a repercussão alcançada por esse. E nenhum esteve envolvido em tanta confusão. Confusão esta que começou com a divulgação - extra-oficial — do resultado do prêmio, num *site* da Internet, um "fiasco", na expressão do jornal londrino *The Guardian*, de 26 de outubro. Simultaneamente, vinha à luz a questão da idéia do livro. Em 27 de outubro, o próprio Yann Martel publicou no *The Sunday Times*, de Londres, um artigo que falava sobre o seu

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

